

---

## Etnocomunicação indígena: um audiovisual realizado de forma “perspectivada”?<sup>1</sup>

Dina Tatiana Quintero Quintero<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

### Resumo

A etnocomunicação feita pelos povos originários é, na sua maioria, um processo decolonial que se apresenta de forma singular em cada comunidade. A partir da etnografia e trabalho de campo feita no povo Xukuru do Ororubá, observação participante em “Minga por la vida”, relato experiencial e pesquisa bibliográfica, conseguiu-se levantar, descrever e analisar distintos modos de concepção e execução do processo audiovisual em quatro comunidades indígenas diferentes, localizadas entre Colômbia e Brasil. É por isso que neste artigo propomos o conceito de “comunicação perspectivada”, para definir o modo de ser concebido, relacionando diretamente aos pensamentos decoloniais latinoamericanos. Constatando-se que, é uma comunicação que se faz através de cada cosmopercepção, isso a torna única na sua forma de pensar, produzir e exibir audiovisual.

**Palavras-chave:** etnocomunicação; indígena; perspectivada; cosmopercepção; decolonialidade.

### Introdução

A Etnocomunicação floresce a partir da comunicação comunitária na necessidade própria de um audiovisual contextualizado, isso quer dizer, que caminhando na mesma direção de reivindicação de direitos, democratização e como ferramenta de luta na qual a comunicação comunitária caminha, a comunicação decolonial e ancestral demanda particularidades nos processos tanto de concepção como de execução, entendendo a importância da autonomia de falar em sua língua, de poder representar o mundo em nome próprio, à sua medida e à sua imagem e não representadas a partir da ideia do colonizador. Por isso, este artigo começa fazendo um breve percurso pelos inícios da comunicação comunitária e seus princípios fundamentais, passando pela comunicação indígena que se ramifica dessa comunicação, para chegar na etnocomunicação indígena, que embora também seja feita por povos originários, mantem-se três pilares indissociáveis que a catalogam como tal no entendimento de Costa e Santi (2016). Seguindo a isso, uma

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado no Grupo de Pesquisa Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico do XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro – PUCMinas – 2023.

<sup>2</sup> Doutoranda em Comunicação pelo programa da Universidade Federal de Pernambuco e bolsista da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco FACEPE, e-mail: [dina.tatiana.quintero@gmail.com](mailto:dina.tatiana.quintero@gmail.com).

---

passagem pela teoria decolonial latino-americana desde o olhar de Anibal Quijano, e sua relação com a comunicação feita pelo comunicólogo Erick Torrico. Finalizando com a fundamentação e explicação do conceito proposto de “comunicação perspectivada” e a aplicação do conceito aos levantamentos feitos por meio de multiples metodologias como: 1- pesquisa etnografia com estudo de campo e método correlato de observação participante; 2- pesquisa bibliográfica; 3- observação participante; 4- relato experiencial. Constatando-se que, a etnocomunicação perspectivada, é uma comunicação que se faz através de cada cosmopercepção, isso a torna única na sua forma de pensar, produzir e exibir audiovisual.

### **Nossas raízes sempre foram coletivas: da comunicação comunitária à etnocomunicação**

Os primeiros registros conhecidos de uma rádio comunitária se deram em 1948 na Colômbia, mais especificamente a Rádio Sutatenza, que abriu caminhos para muitas experiências de comunicação popular. Mas foi só na década de 70 que consegue mais adesão com a luta dos movimentos sociais em Latinoamérica. A comunicação comunitária é, de acordo com Peruzzo (2008), “aquela desenvolvida de forma democrática por grupos subalternos em comunidades, bairros, espaços *on-line*, por exemplo, segundo seus interesses, necessidades e capacidades. É feita pela e para a comunidade” (2008a, p. 2). A comunicação comunitária tem sido utilizada estrategicamente por várias categorias de movimentos sociais na reivindicação de direitos, na promoção da cidadania e na transformação social, além de estar “cumprindo importante papel na democratização da comunicação e da sociedade.” (PERUZZO, 2009, p. 41). Trata-se de uma comunicação que possui dimensão política, educativa, popular e participativa, estabelecendo uma verdadeira disputa de sentidos com os grandes meios de comunicação. Para Elisa Garcia Mingo (2016), “Os povos indígenas, como os movimentos sociais, têm posto em crise as formas de organização social, o pensamento e a sensibilidade da modernidade mestiça” (2016, p. 125. tradução nossa)<sup>3</sup>. Cicília Peruzzo revela a importância do exercício deste direito na promoção da cidadania: “A cidadania avança na medida da consciência do direito a se ter o direito à comunicação e da

---

<sup>3</sup> Los Pueblos Indígenas, en tanto que movimientos sociales, han puesto en crisis las formas de organización social, el pensamiento y en la sensibilidad de la modernidad criolla.

---

capacidade de ação e articulação daqueles a quem ela se destina.” (2009, p. 42).

Como a produção é realizada de maneira autogestionada, feita pelo povo, podemos falar em expressão ativa da comunicação, ou seja, o sujeito participa ativamente dos processos comunicacionais que o envolvem, produzindo novos sentidos a ela e reivindicando sua própria identidade. Esta maneira de fazer comunicação também possui uma dimensão socioeducativa que possibilita o sentimento de pertencimento e permite que os sujeitos desenvolvam habilidades capazes de interferir no mundo. Isto apontaria a teses políticas no sentido de quebra de manutenção de padrões coletivos, promovendo transformações sociais profundas. Concordando com estes apontamentos, Cicilia Peruzzo (2009) comenta que

A participação ativa do cidadão na feitura da comunicação, ou seja, na criação, sistematização e difusão de conteúdos e nos demais mecanismos inerentes ao processo comunicativo também é educativo porque possibilita que a pessoa sinta sujeito, e, como tal, se desenvolva intelectualmente, aprenda a compreender melhor o mundo e seja capaz de interferir no seu entorno e na sociedade como um todo, visando assegurar o respeito aos direitos humanos. (PERUZZO, 2009. p. 42).

Assim, a comunicação indígena floresce a partir da comunicação comunitária na necessidade própria de um audiovisual contextualizado, isso quer dizer, que caminhando na mesma direção de reivindicação de direitos, democratização e como ferramenta de luta na qual a comunicação comunitária caminha, a comunicação decolonial e ancestral demanda particularidades nos processos tanto de concepção como de execução, entendendo a importância da autonomia de falar em sua língua, de poder representar o mundo em nome próprio, à sua medida e à sua imagem e não representadas a partir da ideia do colonizador.

A história da comunicação indígena na Abya Yala<sup>4</sup>, no Nupirau<sup>5</sup> ou América latina é uma história de decolonização da imagem, da linguagem audiovisual e dos processos em si. A tarefa direta ou indiretamente é, de forma paulatina, dar fim ao regime de dominação audiovisual imposto pela colonização, que se moldou forçadamente com olhares, vozes e perspectivas unilaterais, e hoje, esses relatos estão sendo desconstruídos pelos próprios sujeitos representados. Esta história veio da mão de processos de

---

<sup>4</sup> Denominação da América Latina pelo movimento panindígena latinoamericano. Na língua Kuna significa: “Terra em plena maturidade”

<sup>5</sup> Denominação da América Latina na língua Muyska, significa: “Por onde tem grandeza e abundância de água que se expande pelas raízes”

conquistas de direitos e do espaço comunicacional que foram e seguem sendo realizados de forma gradual, com episódios baseados em lutas populares, em resistência, para a manutenção e em resiliência diante das adversidades para evitar retrocessos.

Por isso, ao utilizar uma matriz epistemológica própria, desvinculada do imaginário ocidental, nasce um singular modelo de comunicação na forma cultural dos povos indígenas: a etnocomunicação. Tais produções colaboram para a erradicação da mentalidade extrativista, reduzindo a probabilidade de apropriação e o apagamento dos saberes tradicionais aos quais povos indígenas foram submetidos ao longo do tempo, tanto pela academia como pela mídia tradicional, que acabam descontextualizando e despolitizando tais conhecimentos.

O conceito de etnocomunicação como aplicado pelos pesquisadores Bryan da Costa e Vilso Santi, demarca os “princípios gerais da etnocomunicação praticada pelo Movimento dos Povos Indígenas por meio de três pilares: a) Etnicidade como componente essencial; b) Territorialidade como elemento regulador; e c) Reconhecimento como fim (primeiro e último).” (COSTA; SANTI, 2016, p.16).

A etnocomunicação, nessa perspectiva, apresenta-se como alicerce do processo de construção, não só de uma identidade, mas de uma matriz identificação compartilhada, baseada em tradições culturais preexistentes ou (re)construídas – fundamentais para sustentarem ações coletivas. A comunicação praticada pelos Povos Indígenas e seu Movimento é, portanto, filosoficamente orientada, geograficamente localizada e politicamente útil – para o estabelecimento de um novo indivíduo, disposto a demonstrar-se como índio e ser reconhecido como tal. (COSTA; SANTI, 2016, p. 16).

É a partir dessa delimitação de “etnocomunicação” que permite-se a aplicação do conceito de “comunicação perspectivada” que veremos mais à frente. Antes disso, traremos outro complemento importante que atravessa a fundamentação desse conceito.

### **Decolonialidade e comunicação**

O colonialismo, nos moldes do sociólogo Aníbal Quijano (1992, p. 12), um dos maiores expoentes dos pensamentos decoloniais, é caracterizado a partir da expansão territorial europeia por meio da dominação militar violenta que avançou a partir do século XV, já o conceito de “colonialidade”, proposto pelo mesmo autor, refere-se ao estado de “colonização do imaginário dos dominados” (ibid. p. 12) que significou disseminar, por meio da imposição, um modelo não só econômico, como político e social dessa cultura,

principalmente nos países dos continentes periféricos como Ásia, África e América (Latina), forçando assim o surgimento das culturas modernas ou modernidade europeia, tornando-se um fator decisivo para compreender as nações contemporâneas independentes das colônias.

Dentro do termo colonialidade, encontramos vários elementos que o compõem e que de forma orgânica se assimilam entre si para manter-se colocados numa posição de comando. Quijano ressalta que estamos vivendo num período excepcional que tem especificidades históricas por tratar-se talvez do primeiro padrão de poder global (QUIJANO, 2020), é um padrão de poder que afeta de forma universal cada um dos indivíduos existentes, apontando um padrão em crise, porque seus fundamentos inerentes estão em crise,

A colonialidade do poder condiciona por inteiro a existência social dos agentes de todo o mundo, posto que a racialização delimita de modo decisivo a localização de cada pessoa e cada povo nas relações de poder globais. Mas é na América, na América Latina, sobretudo, que sua cristalização se faz mais evidente e traumática, posto que aqui a diferenciação racial entre “índios”, “negros”, “brancos”, e “mestiços” ocorre no interior de cada país. Encarnamos o paradoxo do ser “Estados-nação” modernos e independentes e, ao mesmo tempo, sociedades coloniais, onde toda reivindicação de democratização tem sido violentamente resistida pelas elites brancas. (QUIJANO, 2020. p. 23, 24. Tradução nossa)<sup>6</sup>

Essa colonialidade do poder que Quijano menciona se estrutura com dois elementos importantes. O primeiro é o elemento da dominação de poder social, da qual não se tem nenhum exemplo anterior que seja equivalente a este, sendo, portanto, histórica e sociologicamente novas as hierarquias biológicas centradas na noção de raça, pois trazem consigo uma dinâmica de inferiorização para com as pessoas que se encontraram neste território, quer dizer, os povos originários, essas sociedades de grande sofisticação social, política e intelectual às que conseqüentemente suas identidades e conhecimentos foram expropriados, sometidos, escravizados, além de seus corpos dizimados. Depois de tantos anos, os sobreviventes seriam denominados como indígenas, com esse nome homogêneo, contrariando toda e cada cultura, mesmo após o conhecimento sobre as principais

---

<sup>6</sup> No original: La colonialidad del poder condiciona la entera existencia social de las gentes de todo el mundo, ya que la racialización delimita de modo decisivo la ubicación de cada persona y cada pueblo en las relaciones de poder globales. Pero es en América, en América Latina sobre todo, que su cristalización se hace más evidente y traumática, puesto que aquí la diferenciación racial entre “índios”, “negros”, “blancos”, y “mestizos” ocurre al interior de cada país. Encarnamos la paradoja de ser Estadosnación modernos e independientes y, al mismo tiempo, sociedades coloniales, en dónde toda reivindicación de democratización ha sido violentamente resistida por las élites “blancas”.

---

sociedades da época, a exemplo da Azteca, Maya, Inca, Mapuche, entre outras. América então, também foi a primeira identidade deste território padrão de dominação social.

O segundo elemento que estrutura a colonialidade do poder de Quijano é o padrão de exploração social e o padrão de conflito social que se aninharam no capitalismo e na escravidão. E como tendência através do tempo, tornam-se mais incisivas, conflituosas e violentas à medida que uma resistência com mobilização se levanta. É por isso que o autor defende a não utilização dos mesmos termos que já vem contaminados disso tudo, não podemos trabalhar com suas mesmas epistemologias, para sair desse estado de “colonização do imaginário dos dominados” precisamos começar outras, e propõe então a construção de uma nova racionalidade, novo modo de produzir sentido. Acreditar que é possível construir um olhar diferente é preciso, a prova disso é que já aconteceu, os estudos decoloniais em América Latina partem da ideia dos filósofos Nelson Maldonado e Henrique Dussel (2013), quem aponta que a Europa se forma a partir do novo mundo: a consciência da Europa é construída quando ela se expande colonialmente, daí que ela assume o seu interesse cultural e filosófico, a partir do novo mundo e a colonização dele. A dinâmica seria a virada, “aprender a representar o mundo como o próprio, porque só quem representa o mundo como o próprio é quem pode transformá-lo” (SANTOS, 2019)<sup>7</sup>.

O pensamento decolonial latino-americano, diferente de outros movimentos, eclode com uma importante variação: os intelectuais são ao mesmo tempo ativistas sociais e seus conceitos são trabalhados pelos políticos que aderem, isso faz toda a diferença, quer dizer, que estamos numa geração de pessoas que pensam os processos e que ao mesmo tempo estão envolvidos neles. Na comunicação, a parte teórica e prática tem percorrido avanços por caminhos parecidos. Erick Torrico, sociólogo e comunicólogo decolonial, explica o conceito de “comunicação centrada”, identificado como um esquema que se impôs como “paradigma dominante” e que segue sendo ensinado, aprendido, aplicado e reproduzido tanto nas escolas de comunicação quanto na área de pesquisa, alegando que

a teorização, foi estruturada primeiramente com base nas condições, preocupações e necessidades da realidade social, econômica, política e tecnológica estadunidense, assim como do ocidente europeu, uma vez

---

<sup>7</sup> Nota: seguiremos utilizando os textos e as análises do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, mas precisamos deixar registrado que repudiamos os atos de assédio sexual e abuso de poder denunciados por parte de ex-alunas e orientandas, que foram conhecidos o passado mês de abril de 2023. Dando agravamento à situação, o exercício de comportamentos que em seus próprios escritos o autor critica.

---

que os dois espaços geoculturais foram seu local de surgimento. (2019, p, 94).

Essa lógica de produção de conhecimento tem um caráter universalista, isso quer dizer que preza por manter a hierarquia colonial de pessoas e povos, validando unicamente os saberes produzidos nos países que tradicionalmente dominam o âmbito do conhecimento. A isto, o autor propõe “pensar a partir da margem”, quer dizer, trazer ao fazer comunicacional um sentido “relacionado à criação de tecido social e à construção de comunidade e consenso” (TORRICO, 2019 p, 96). É neste momento em que se reivindica com mais amplitude a participação e democratização dos meios de comunicação, preocupação pelo interesse público e vínculo com reivindicações de desenvolvimento. E no campo acadêmico, a “comunicologia da libertação” (Ibidem. p, 98), que combina a protesta com a proposta, colocando a necessidade latente de avaliar os fundamentos epistemológicos, “desestruturar a lógica do mecanismo histórico e epistemológico cujo núcleo é a subalternidade” (Ibidem. p, 100).

### **Comunicação perspectivada**

A etimologia da palavra “perspectiva”, vem do Latim -PERSPICERE-, “ver através”, de PER, “através”, mais SPECERE, “olhar para”. Quando procurada no dicionário online Michaelis encontramos seis definições<sup>8</sup>, uma referente a desenho e pintura, duas por extensão e três descreveremos por acreditar relevantes para a constelação do conceito em construção: 1- Ponto de vista; modo particular com que cada pessoa, influenciada por seu tipo de personalidade e por suas experiências, vê o mundo; 2- Aparência, visão ou aspecto sob o qual algo se representa, e; 3- Sentimento de esperança e expectativa.

Mas, na construção do conceito, essa “perspectiva” diz respeito a que?

O conceito de “comunicação perspectivada” que propomos neste texto, se fundamenta e se gesta numa comunicação que trabalha em favor da decolonização da palavra e da imagem ao fomentar produções midiáticas a partir de uma ou várias cosmopercepções de mundo pertencentes a povos originários e dentro das suas particularidades, capazes de discutir a etnicidade da comunicação para a formulação coletiva dos discursos midiáticos.

---

<sup>8</sup> Definição da palavra “perspectiva” no dicionário Michelis <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=perspectiva> . Acesso em 13.07.2023.

---

Para lograr a execução da comunicação perspectivada, pressupõe-se a incorporação no seu exercício do que Boaventura de Sousa Santos descreve como “conhecimentos artesanais próprios”, que é o uso dos conhecimentos ancestrais que servem aos objetivos de luta,

A confiança que é depositada nesses conhecimentos advém do seu potencial, real ou imaginado, para fortalecer a luta em causa. Esse potencial radical geralmente tem duas ideias. Por um lado, os conhecimentos de que falamos pertencem aos grupos em questão; fazem parte do seu respectivo passado-enquanto-presente. Através desses conhecimentos, os grupos em luta tornam-se sujeitos cognitivos e deixam de ser objetos dos saberes alheios que foram usados para justificar a sua sujeição e opressão. Da sujeição à subjetividade – é esse o caminho da esperança contra o medo que os seus próprios conhecimentos lhes permitem percorrer. Por outro lado, não raro esses conhecimentos são reinventados para se referirem a um tempo passado de vida digna, uma vida que pode agora ser recuperada sob novas condições; são, por isso, cruciais para reivindicação de dignidade. O conhecimento ancestral tem uma dimensão performativa; implica imaginar um passado que se afirma como o projeto. Um conhecimento que é nosso significa representar o mundo como nosso. Por outras palavras, a autoria do conhecimento é uma condição prévia para a autoria do mundo. (SANTOS, 2019. p, 197).

Constatam-se formas de pensar, produzir e exibir audiovisual baseadas em processos estruturais que possivelmente nunca teriam se concebido se não fossem apresentados por esses povos, processos que causam estranhamento nas culturas não indígenas. Um audiovisual que além de ser etnocomunicação é perspectivado.

Uma pesquisa etnográfica feita pela autora na comunidade indígena Xukuru do Ororubá, localizada no município de Pesqueira, estado de Pernambuco, Brasil, entre 2021 e 2023, onde se estudou o veículo comunicacional da etnia, a “Ororubá Filmes” e que foi apontado como um processo decolonial nas considerações, traz um claro exemplo de aplicação do conceito de “comunicação perspectivada” a uma etnocomunicação desenvolvida nos recortes trabalhados neste texto. No detalhamento metodológico do estudo de campo podemos encontrar o método correlato de observação, e nele a descrição do ritual, “onde tem-se o hábito, por respeito, nos inícios de qualquer atividade que plasme sua espiritualidade, seja ela escrita, sonora ou visual, pedir força e bons direcionamentos a Pai Tupã e Mãe Tamain, protetora dos Xukuru, além dos encantados<sup>9</sup>.” (QUINTERO, 2023, p. 43). São modos específicos de desenvolvimento do audiovisual,

---

<sup>9</sup> Espíritos sagrados que habitam na mata e cuidam do território sagrado. Toda pessoa que morre, encanta e volta ao território a brindar força aos irmãos.

---

pois encontra-se atravessados por uma conexão singular, que remete a um tipo de negociação ou troca do nível espiritual e que ao mesmo tempo está sendo sujeita a uma resposta que não poderá ser contestada nem mudada. É uma convenção do próprio povo com o audiovisual. Para uma produção audiovisual não perspectivada, gerenciada através de um cronograma de gravação, o fato de não poder levar à frente uma diária por motivos que não atendam a um plano físico ou material, se catalogaria como uma situação confusa e desfavorável para seu desenvolvimento. Nesse sentido, a etnocomunicação como “comunicação perspectivada”, atende diretamente à cosmopercepção de cada povo.

Em observação participante da autora em “Minga por la vida” em 2017 (Idem p. 44), descreve como o povo indígena Arhuaco, assentado na *Sierra Nevada de Santa Marta*, ao norte colombiano, em toda produção, principalmente imagética, o material capturado deve passar pelos *Mamos*, ou conselheiros e conselheiras mais velhos da comunidade para sua avaliação, aprovação e ritual de selamento<sup>10</sup> antes de poder dar saída e continuidade ao tratamento desse material, isso pela defesa de que pensamentos<sup>11</sup> podem ser levados junto às imagens. Um modo específico de pensar o audiovisual e que atende a uma cosmopercepção de mundo própria, que não fere princípios filosóficos, espirituais, culturais nem políticos da comunidade. Sendo uma produção própria do povo Arhuaco, nos moldes da etnocomunicação anteriormente explicados, estaríamos falando de uma “comunicação pespectivada”.

No povo Muyska (*Muisqa*), localizados no altiplano andino da cordilheira oriental cundiboyacense, na Colômbia, de onde pertence a autora, necessariamente antes de adentrar a registrar locais naturais, deve-se render uma permissão à Chiminigagua, porque cada ser ali plantado é uma deidade. Já no local, se houver a presença de nascedouros de água, lagoas ou poços, o pedido de permissão deve ser direcionado a Bachué ou Furachogua, mãe da criação nascida das águas. Em caso de não ser permitida a entrada, ou a captura de imagens, a atividade deverá ser repensada para outros momentos que se entendam mais armônicos e em que essa “negociação” possa ser aceita, um retorno que como ressaltamos, não pode ser contestado.

---

<sup>10</sup> No ritual, os Mamos selam os pensamentos contidos no material audiovisual gravado por meio de pedido em cantigas feitas na língua própria, seguido de oração de benção aos encantados. Fonte: A autora, observação em Minga Indígena do Norte (Colômbia 2010).

<sup>11</sup> Na cultura dos povos Arhuacos, os pensamentos têm uma grande relevância, da concepção deles deve emanar: o equilíbrio, a simetria e as leis de conservação como princípio básico da ordem no universo.

---

Para os Kumuã Ye’pamahsã do Alto Rio Negro, na região do Noroeste Amazônico, os peixes são considerados sujeitos ancestrais<sup>12</sup>, qualquer tipo de registro feito tem que ser tratado com a devida atenção e cuidado.

Assim as perspectivas colocadas anteriormente, estimam que o surgimento de culturas audiovisuais não ocidentais “supõe uma oportunidade única para desconstruir (nosso) olhar ocidental e nos obriga a fazer reorientações epistemológicas no momento de trabalhar com materiais áudio (e) visuais.” (MINGO, 2016, p. 130. Tradução Pessoal)<sup>13</sup>.

### **Considerações finais**

Constatando-se que, é aplicável o conceito de “comunicação perspectivada”, a uma comunicação que se faz através de cada cosmopercepção, pois isso a torna única na sua forma de pensar, produzir e exibir audiovisual baseadas em processos estruturais que possivelmente nunca se teriam cogitado se não fossem apresentados por esses povos, processos que causam estranhamento nas culturas não indígenas. A elaboração de uma epistemologia própria que atenda a história, os processos socioculturais, os interesses e as necessidades da região, de que fala Aníbal Quijano, Erick Torrico e os autores dos pensamentos decoloniais, pode-se encontrar, em parte, nesse novo modo de entender a comunicação como perspectivada, no exercício do emprego de conhecimentos ancestrais a serviço da luta de cada povo com suas respectivas demandas.

Entendemos e reafirmamos que devemos ter cuidado ao empregar o conceito de “comunicação perspectivada” quando falamos em etnocomunicação para não generalizar os modos de produção de cada nação, povo ou cultura indígena, correndo o perigo de cair em banalidades que possam reforçar estereótipos contra os que lutamos diariamente.

---

<sup>12</sup> Recomenda-se ler o livro de João Paulo Barreto Yepamahsã: “Waimahsã: peixes e humanos”.

<sup>13</sup> No original: El surgimiento de culturas audiovisuales no occidentales supone una oportunidad única para desconstruir (nuestra) la mirada occidental y nos obliga a hacer reorientaciones epistemológicas a la hora de trabajar con materiales audio(y)visuales.

## Referências bibliográficas

COSTA, Bryan Chrystian; SANTI, Junior Vilso. COMUNICAR PARA MOBILIZAR: as práticas etnocomunicativas do Conselho Indígena de Roraima. In: **XXVIII Encontro Anual da Compós**. Anais [...]. Rio Grande do Sul, 2019.

MINGO, E. G. Imágenes y sonidos del Wall Mapu. El proyecto de descolonización del universo visual y sonoro del Pueblo Mapuche. EMPIRIA. **Revista de Metodología de Ciencias Sociales**, [S.l.], n. 35, p. 125-151, septiembre – diciembre, 2016.

PERUZZO, C. M. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor. **ECO-pós**, [S.l.], v. 12, n.2, p. 46-61, maio/agosto, 2009.

PERUZZO, C. M. Movimentos sociais, cidadania e o direito à comunicação comunitária nas políticas públicas. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, [S.l.], v. 11, n.1, p. 33-43, janeiro/abril, 2009.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidade/racionalidade. **Perú Indíg**, v. 13, n 19, p.11-20, 1992. Disponível em: <https://www.lavaca.org/wp-content/uploads/2016/04/quijano.pdf>. Acesso em: 4 dez. 2022.

QUIJANO, Aníbal. **Cuestiones y horizontes**: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonización del poder. 1. ed. Buenos Aires: CLACSO, 2020; Lima: UNMSM, 2020.

QUINTERO, Dina Tatiana. **Comunicação comunitária indígena**: a Ororubá Filmes como um processo decolonial. 2023. Dissertação de mestrado (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/50>. Acesso em: 10.07.2023

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

VILLANUEVA, E. R. T. Para uma comunicação ex-cêntrica. **MATRIZES**, São Paulo, p.89-107, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/159957>. Acesso em: 4 julho 2023.